

## *DISCURSO MASCULINO E FEMININO: DIFERENÇAS E DIVERSIDADES. UMA REFLEXÃO PARA A FONOAUDIOLOGIA*

*Claudia Inês Scheuer\**

Idade e sexo são categorias essenciais na organização social, em todas as sociedades humanas. Visto que idade e diferenciação sexual são processos biológicos, a construção social de conceitos tais como jovem, velho, masculino e feminino ocorre durante o processo de aquisição de linguagem, pelo uso de léxico que precocemente pode designar o conhecimento dessas diferenças e posteriormente o discurso representa claramente essas noções. Apesar da construção do discurso ser gradativa e diretamente relacionada à construção de papéis, existe forte interferência da cultura ou do grupo social no qual a criança está inserida e sobre o qual age. Valores culturais desde cedo são vivenciados e inculcados nas crianças pelo adulto, valores que, transmitidos durante gerações, relevam as diversas formas de interagir, transmitir e cobrar diferentes posturas para meninos e meninas (Benedict, 1988). São definidos papéis sociais masculinos e femininos, atividades, direitos e deveres diferentes para ambos. Todo esse processo cultural e psicológico é sem dúvida observado por meio do discurso e das ações que o acompanham. Deter-me-ei na tese de

---

\* Fonoaudióloga. Professora assistente do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP. Mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC-SP. Doutoranda em Lingüística pela FFLCH-USP.

que o discurso masculino deve ser considerado como diferente do feminino, por ser 'um todo' representativo de duas realidades talvez contrárias mas não contraditórias.

A diversidade é objeto de estudo da sociolinguística, na medida em que essa área do conhecimento ocupa-se com múltiplas amostragens populacionais, como conseqüência espera-se que os aspectos lingüísticos das mesmas tenham características peculiares e pertinentes a cada uma delas. A diversidade oriunda de fatores históricos, mas principalmente culturais, determina usos de linguagem, léxico e construções sintáticas diferentes, que permitem revelar a identidade de cada um desses grupos sociais.

Para Encrevé (1977), a sociolinguística estuda a linguagem utilizada na comunidade lingüística, a língua em seu cotidiano, e seu método consiste em registrar os locutores em situações normais de trocas lingüísticas. Os dados, segundo o autor, apresentam naturalmente uma grande heterogeneidade, mesmo que o grupo pesquisado seja pouco numeroso e relativamente homogêneo. A sociolinguística supõe a heterogeneidade como pertencente à própria estrutura da língua e procura demonstrar a sistematicidade das diferentes variações constatadas.

Segundo Preti (1974; p. 10) "... o alargamento do enfoque das relações sociedade/língua, consideradas profundamente interdependentes, conduz ao estudo das estruturas do pensamento de certas comunidades e à forma como estas articulam lingüisticamente sua realidade, em consonância com sua cultura e sistema de vida..."

Nesse aspecto, em particular, é possível conceber o processo de aquisição de linguagem como a apropriação de valores socioculturais diversos que determinam discursos infantis diversos e com ideologias diferentes.

Essa constatação é verdadeira na medida em que pesquisas realizadas por Smith-Hefner (1988), relacionadas às relações lingüísticas entre *care takers* e bebês, na Indonésia, mostram os valores culturais de músicas infantis cantadas e ensinadas a crianças muito pequenas, pois o discurso da 'babá', considerado como "não pertencente à norma", nunca

poderia ser 'modelo' para crianças de um nível socioeconômico alto. Dessa forma, a 'música' considerada como 'norma' e constituída de valores culturais é considerada como a mais adequada transmissão lingüística. Acresce-se o fato de que apenas as meninas passam por esse processo, porque as famílias acreditam já ser uma forma de valorizar a feminilidade, a preparação para o casamento e a manutenção do *status*.

Essas crenças também ocorrem na África durante a aquisição de linguagem em tribos da Nigéria (Akere, 1982). Tais crenças são diretamente relacionadas à organização tribal hierárquica, à religião e a valores culturais, porque desde o nascimento as diferenças entre o masculino e o feminino são marcadas pelas atividades, pelas relações e, conseqüentemente, pelas formas de tratamento, assim como posteriormente verifica-se discursos infantis fortemente dependentes desses fatores.

Nas comunidades ocidentais é senso comum que o papel da interação mãe-criança varia de acordo com o sexo da criança, tendo objetivos de desenvolvimento assumidos como necessariamente diferentes para meninos e meninas (Boe, 1987). As crianças parecem seguir um padrão de desenvolvimento específico na aquisição de linguagem, associado ao sexo, diferente para meninos e meninas, porque os estilos de comunicação parecem estar diretamente relacionados a conceitos de identidade e papéis sociais. Nessa argumentação, Lloud (1990) afirma que o conhecimento de 'gênero' tem suas origens no papel social que pais e principalmente mães idealizam diferentemente para filhos e filhas. O conceito de 'gênero' (terminologia adotada por Lloyd para designar 'sexo') é posto pelos adultos por meio de jogos diferentes para bebês meninos e meninas, pelo vestuário e, principalmente, por meio de 'discursos adultos' diferentes para ambos, que refletem as diferenças sexuais. Dessa forma, o bebê constrói uma representação social diferente, porque a realidade é diferente para homens e mulheres.

Moscovici (1983; p. 140) define as representações sociais como:

... os sistemas de valores, idéias e práticas com dupla função: em primeiro lugar, estabelecer uma ordem que permitira aos indivíduos orientar-se em (e dominar) seu mundo social, e, em segundo lugar, facilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade, ao proporcionar-lhes um código para nomear e classificar os diversos aspectos de seu mundo e de sua história individual e grupal.

O trabalho com um grupo de crianças judias muito religiosas, da cidade de São Paulo, tem revelado alguns aspectos que asseguram o que até agora foi dito. Trata-se de um grupo bastante particular no que tange a suas características específicas, são famílias de diversos e diferentes países árabes (Síria, Líbano e Egito), que se orientam em torno da religião, assim como determinam seu *modus vivendi* a partir dela. Contudo, trazem dentro de si valores, crenças e costumes de seus países de origem ou de seus pais, que se fundem com os valores religiosos severos, de princípios éticos e morais rígidos que regem o seu cotidiano. O fato de procederem de países árabes, já é o suficiente para que a diferença entre o papel masculino e feminino seja vista em ótica diversa, onde a mulher é bastante submissa ao homem, que rege seus passos e o seu atuar dentro da família e fora dela. Acresce-se a isso o papel que a religião atribui a mulher, reforçando e hipervalorizando os valores étnicos já citados, deixando para ela, explicitadamente, a 'transmissão de valores'. A posição do homem, tanto do ponto de vista étnico como religioso, é de provedor dos recursos materiais, de poder, na medida em que mede sua força financeira com seus pares da comunidade. Confundem-se valores materiais e religiosos, mas ao homem é dado o *status* de supremacia frente à mulher. Esse dado é plenamente observado por meio do discurso dessas meninas e meninos, mas principalmente por suas posturas, atitudes, e visão de mundo, que literalmente repete o modelo vivido em casa e valorizado pelos pais. Os meninos são mais cobrados academicamente, devem ter sempre boa *performance* escolar para que alcancem o mesmo *status* do pai. O pai já prepara o filho homem de forma diferente da preparação da mãe com sua filha mulher. A menina deve ser mais obediente, andar na rua atrás do homem e a escolarização não é tão valorizada quanto a do homem. A me-

nina desde cedo é preparada para o casamento e para a vida no lar. No consultório esses fatos aparecem na relação terapeuta-criança. Meninos não aproximam-se da terapeuta para receber ou dar um beijo, porque devem manter distância das mulheres. As meninas, por seu lado, mostram-se inexperientes, no que tange às brincadeiras e jogos, porque não faz parte da transmissão cultural o 'agir' e o 'explorar'. A passividade, apesar da curiosidade latente, é a tônica das relações das meninas desse grupo, portanto são aspectos que norteiam a terapia, e não 'interferências', porque determinam processos de interação diversos e diferentes. Observam-se conflitos e tensões entre o universo vivenciado em casa e na escola, com o apresentado no consultório, onde 'descobrir', 'manipular' e 'fazer' regem as relações terapêuticas.

A direta dependência discurso/valores sociais é observada em crianças pequenas, em seus jogos; diferentes em cada comunidade e diferente para meninos e meninas, na medida em que é determinado o que pode ser utilizado por ou por outro, assim como a forma ou condutas associadas aos jogos. Meninos não devem usar bonecas por tratar-se de um valor feminino e meninas não devem usar carros por ser um valor artificialmente masculino. O que na realidade ocorre é que, subjacente a esses pseudovalores, determinam-se formas de comportamento mais aceitas pela comunidade, conduzindo a discursos que representam uma idealização e não uma realidade. Porém, esse fato ocorre também em outras comunidades, nas quais objetos ou coisas representam papéis masculinos ou femininos, porque na maioria dos grupos sociais valores são atribuídos diferentemente para ambos sexos.

Nas crianças religiosas pôde-se observar que o brincar, como experiência necessária para a construção de papéis sociais, passa por outros caminhos. A experiência é transmitida pela oralização, constitutiva e constituída de valores, costumes, que implicam posturas diversas e que já conduzem a leituras sobre o mundo diferentes para meninos e meninas. Meninas ao brincarem com panelas ou louças muitas vezes desenham duas cozinhas: uma para carne e outra para leite. O desenho muitas vezes representa festas, nas quais a hierarquia está presente. A., uma paciente

deste grupo, ao representar a família à mesa de jantar desenha o pai na cabeceira da mesa, sua mãe ao lado deste e seus sete irmãos dispostos ao longo da mesa por ordem de idade. A valorização dos filhos por idade dão-lhes diferentes papéis sociais e *status* dentro da família.

O estudo dos sexos e suas relações com a linguagem não é fato novo, mas vem sendo repensado e revisto quanto a seus aspectos discursivos. Na década de 1960 e 1970 essa diferença era constatada por meio de um 'comportamento lingüístico' diferente (Fitzgerald et col., 1983), incluindo o comprimento das expressões verbais, a compreensão da fala, a articulação, o número de palavras proferidas, o montante e a complexidade das sentenças. Era comum ouvir no discurso de pais e constatar na literatura que meninos falavam mais tardiamente e meninas mais precocemente em relação a uma norma ou padrão de normalidade. Em decorrência, durante os três primeiros anos a linguagem feminina era considerada melhor e mais eficiente do que a masculina. Essa questão, assim como o porque desses fatores (que nunca foram suficientemente explicados pela psicologia), deve ser revistas em outra ótica: e da diversidade entre duas populações muito diferentes em constituição, em exigência, em participação social e, principalmente, em expectativas quanto aos papéis que seus membros devem assumir na idade adulta. Talvez isso também possa explicar por que, em sua grande maioria, são meninos que constituem o grande contingente de clientes que apresentam dificuldades na comunicação. Na maioria das culturas, ocidentais ou não, o papel do homem é mais valorizado no que se refere à produção, ao prestígio e ao poder. Nosso trabalho com crianças de grupos sociais de determinada forma 'fechados' tem mostrado uma nítida prevalência do sexo masculino sobre o feminino no que tange as 'dificuldades na comunicação'. Na entrevista com a família, a maioria deixa clara a valorização do menino dentro do contexto familiar, mas ao mesmo tempo preocupa-se com o 'problema do filho' de forma diferente do da menina, porque sente-se muitas vezes culpada por ter contribuído para a emergência do problema e, como decorrência, não sabe como lidar com seus sentimentos, face à possibilidade de vir a ser sancionadas pela comunidade. Pelo discurso materno, constata-se em nosso tra-

balho que, em sua maioria, os pais tardam a aceitar atendimento para as dificuldades dos filhos, o que pode ser interpretado como uma dificuldade em lidar com a tensão social e individual, além dos fatores religiosos que intervêm nesse pensar.

Bee (1977) já confirmava que o ambiente é apresentado de forma diferente para meninos e meninas; assim, o rosa pertence à menina e o azul ao menino, fitas no cabelo para meninas e ausência de enfeite para meninos. Naquela época já observava que o discurso dos pais era muito diferente para ambos os sexos, mas os instrumentos de análise centravam-se na sintaxe, na semântica e no léxico desse discurso, sem dar a devida importância aos valores sociais constituídos pelo discurso.

Bruner e Haste (1990) reafirmam que o papel cultural da linguagem e os papéis sociais determinam discursos diversos para meninos e meninas, assim como afirmam que esses discursos são formados a partir dos conhecimentos das realidades de cada um dos sexos. Greenfield e Smith (1976), ao analisarem o discurso entre mães-crianças, já haviam ventilado essa questão, ao observar conversações diferentes entre as mães e seus filhos homens e mulheres, tanto no que diz respeito ao conteúdo do discurso, como nos padrões entonacionais. Mas, o mais importante é o que se refere às questões de conteúdo, apresentadas por Kaye (1986), ao afirmar que as angústias, expectativas e projetos de vida idealizados principalmente por mães ocorria diferentemente para meninos e meninas, durante a amamentação, em um processo interativo, no qual o discurso materno era visivelmente diferente para ambos os sexos.

No que tange a esse aspecto, em nossa prática verificou-se que o discurso das mães, ao se referirem a esse período, revelou maior ansiedade ao amamentar filhos homens do que mulheres. Uma explicação plausível e possível é o da cobrança social por parte da família, expectativas de sucessão e manutenção do sobrenome e do papel social do bebê desde o nascimento. Em muitas religiões o papel masculino difere do feminino de forma explícita, mas os valores implícitos nessa diferenciação, ou melhor, a subjetividade implica nas ações e no discurso dos adultos em relação ao bebê, refere-se aos diversos sentidos construídos e atribuídos

pelos interlocutores durante a interação, valores esses dados pela cultura anterior ao nascimento.

É necessário considerar que uma determinada cultura está relacionada à organização social desse grupo e que o sistema de vida proposto muda bastante lentamente no decorrer dos anos. Os valores subjacentes a essa organização e a esse sistema de vida, fornecem dados importantes sobre papéis hierárquicos, relações de poder entre os membros da comunidade. Apesar dos pais exercerem forte poder sobre os filhos, ao mesmo tempo assumem o discurso da 'independência', 'liberdade' e a atitude ou ação é oposta. Mães e pais trazendo suas histórias de vida pessoais, inseridos em um grupo social determinado, apresentam a seus filhos discursos diferentes, portanto valores ideológicos diferentes.

O conceito de masculinidade ou feminilidade é diferentemente valorizado pelos próprios pais e esse fato corresponde a uma expectativa bastante consciente sobre a continuidade da manutenção do poder, da hierarquia e do *status* (Tannen, 1991). Esses fatores são plenamente observados por meio da exigência de padrões discursivos distintos para ambos os sexos. Pais conversam sobre proezas com seus filhos homens, sobre lutas e poder, por outro lado, com suas filhas, o discurso conduz às questões do cotidiano, sobre vaidade e beleza e confidências, o mesmo ocorrendo com o discurso materno que hipervaloriza o papel masculino em detrimento do feminino, do qual torna-se cúmplice. Esse aspecto particular é muito interessante em nosso trabalho. Os filhos homens acompanham desde cedo o pai ao serviço religioso, saem juntos para outras atividades, enquanto a menina é sempre mais companheira da mãe, já deve ajudar na preparação da comemoração das festas, portanto deve estar mais próxima a ela. É uma divisão clara na organização social, relacionada à religião e em parte à etnia.

No que se refere às características discursivas das próprias crianças, constata-se diferenças marcantes entre ambos os sexos, relacionadas a seus papéis, ou aos papéis idealizados pela sociedade. Meninos em atividade lúdica necessitam deixar claro seu *status* e seu poder sobre o grupo, por meio de um discurso controlador explícito. Meninas



submetem-se mais facilmente às regras, o poder e o *status* passam por valores de beleza e vaidade, em que a emoção prevalece sobre a lógica, esta, característica masculina valorizada e esperada pela sociedade. Nossa atividade terapêutica tem mostrado que o discurso revela um cotidiano carregado por normas e valores que estão contidos no sentido da religião e dos costumes, assim como no sentido da organização social de suas famílias e da escola. Muitas vezes, escrevem textos sobre o que compreendem de algumas festas judaicas, outras associam nomes comuns a nomes em hebraico. A. iniciou sua terapia conversando em hebraico com a terapeuta, considerando como normal que essa compreendesse o dito, não percebendo que o uso de uma outra língua daria uma outra dinâmica à terapia ou ao sentido da interação.

Para Tannen (1991) meninas são mais sedutoras, utilizam linguagem indireta com maior frequência, enquanto em meninos a sedução é observada pelas suas ações, mas a linguagem é direta.

Meninas são mais confidentes, compartilham seu discurso com poucas crianças, enquanto meninos tornam públicas suas experiências, para que possam manter seu poder ou *status* de liderança sobre os demais membros do grupo.

Nas relações discursivas entre ambos os sexos, as crianças deixam claras essas diferenças, porque a posição social que ocupam é diferente. Apesar desse fato não ser explicitamente aceito pela maioria dos adultos ou pais, a hierarquia é visível e, em situação de conflito discursivo, protege-se o que tem menos argumentos, e nesse caso é atribuído à mulher o papel de menos prestigiada, pois seus argumentos não são lógicos e diretos. Essa questão, no entanto, deve ser redimensionada, porque os argumentos podem refletir não apenas estilos diferentes, mas também a consciência que a criança pequena tem sobre o seu espaço lingüístico. É dado ao sexo masculino o direito de falar e de se expor mais, enquanto para o feminino o papel de ouvinte, conciliador e apaziguador, é o idealizado pela maioria das sociedades ocidentais. O discurso no grupo pesquisado revelou que a ausência de crítica e de argumentos é mais frequente nas meninas do que nos meninos, a submissão acompanha esse processo,

enquanto nos meninos verificou-se o oposto. Eles sabem se situar, mesmo que inadequadamente (sob nossa ótica), marcam seu espaço claramente, são eficientes na persuasão e competem muito.

Na realidade, essas diferenças no 'fazer' e no 'dizer', aqui mostradas, podem levantar hipóteses sobre o diferente funcionamento cognitivo e emocional de meninos e meninas, cujas construções a respeito do mundo tomam rumos bastante diversos e mais marcados com o decorrer do desenvolvimento da consciência sobre suas realidades. Analisar o processo de aquisição de linguagem em bases sociolingüísticas e antropológicas, é considerar o discurso como objeto cultural (Fiorin, 1989), possível de múltiplos sentidos e, conseqüentemente, de diversas leituras e interpretações, que pode sem dúvida articular os diversos sentidos de capacidades e possibilidades cognitivas diferentes em ambos os sexos, nas inúmeras culturas e organizações sociais. As diferenças e diversidades referem-se e inserem-se nos valores, valores que constituem 'sentidos' ou 'todos de significação', portanto devem ser interpretados sempre dentro de contextos maiores, ou seja, socioculturais.

A fonoaudiologia ao voltar-se para estudos e práticas contidas nas ciências sociais e humanas, compreendendo 'um tudo de sentido', que é o discurso, deve se valer da análise dos processos culturais e sociais envolvidos e constitutivos do discurso. Algumas características discursivas, que muitas vezes podem ser consideradas como 'alteradas' ou 'anormais', revelam na realidade diferenças e diversidades discursivas, introjetadas por valores que são interpretados por cada indivíduo considerado suas possíveis leituras a respeito do mundo no qual age e do qual faz parte. Deve-se, ter em mente que a fonoaudiologia, ao preocupar-se com 'todos possíveis discursos', lida com diversas culturas, com diversos sistemas de vida, com dinâmicas sociais; de um lado, tem-se a pessoa e de outro o social ou o coletivo. Assim, a preocupação em nossa área pode voltar-se para o estudo do discurso visto como uma tensão entre o social e o individual e os possíveis conflitos desse processo. O objetivo aqui foi o de apresentar uma nova leitura para a análise do discurso infantil, dentro das ciências sociais e humanas, áreas científicas relevantes para a compreensão do de-

envolvimento cognitivo e emocional da criança, mas, principalmente, áreas geradoras da articulação dos diversos textos ou discursos infantis.

***Resumo***

*Este artigo discute a diversidade e as diferenças discursivas masculina e feminina, dentro de uma visão sociolinguística e antropológica, demonstrando que o discurso infantil em seus inícios é uma apropriação de valores contidos na cultura e na organização social; valores explicitados por meio de diversas práticas e, em sua maioria, subjetivos, porque fazem parte de um mundo de crenças e costumes, relevantes para a reflexão fonolinguística.*

***Abstract***

*This article discusses discursive diversity and differences in gender, in a sociolinguistic and anthropological perspective, demonstrating that child discourse in its beginnings, reveals the appropriation of cultural values observed in different practices and in social organization.*

## Referências Bibliográficas

- AKERE, F. Language use and language attitudes in a Yoruba Suburban Town: a sociolinguistic response to the factors of traditionalism and modernity. *Anthropological Linguistics*. 24(3): 344-362, 1982.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. São Paulo, Harbra, 1977.
- BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- BOE, K. S. Language as expression of caring in women. *Anthropological Linguistics*. 29(3):271-285, 1987.
- BRUNER, J. e HASTE, H. *La elaboracion del sentido*. Barcelona, Paidós, 1990.
- ENCREVÉ, P. Linguistique et sociolinguistique. *Langue Française*, 34. pp. 3-16, 1977.
- FIORIN, J.L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo, Edusp-Contexto, 1989.
- FITZGERALD, H.; STROMMEN, E.A. e MCKINNEY, J.P. *Psicologia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- GREENFIELD, P. & SMITH, J.H. *The structure and communication in early language development*. New York, Academic Press, 1976.
- KAYE, K. *La vida mental y social del bebe*. Barcelona, Paidós, 1986.
- LLOYD, B. Las representaciones sociales del genero. In: BRUNER, J. e HASTE, H. *La elaboracion del sentido*. Barcelona, Paidós, 1990.
- MOSCOVICI, S. Social representation. In: HARRE, R. e LAMB, R. (org.). *The Encyclopedic Dictionary of Psychology*. Oxford, Blackwell. p. 140, 1983.
- PRETI, D. *Sociolingüística: os níveis de fala*. São Paulo, Nacional, 1974.
- SMITH-HEFNER, N. The linguistic socialization of javanese children in two communities. *Anthropological Linguistics*. 30(2):166-197, 1988.
- TANNEN, D. *Tu no me entiendes*. Buenos Aires, Vergara, 1991.